



CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

Cinemateca Júnior

Ciclo Uma Cinemateca em Chamas - Histórias de Projeção e Projecionistas

10 de janeiro de 2025

GREMLINS / 1984

(Gremlins - O Pequeno Monstro)

um filme de JOE DANTE

Realização: Joe Dante / Argumento: Chris Columbus / Direção de fotografia: John Hora (35mm, Eastman) / Direção de arte: James H. Spencer / Decoração: Jackie Carr / Cenários: William F. Matthews / Caracterização: Greg LaCava; cabelos: Cherif Ruff / Operador de som: Douglas Vaughan / Montagem de som: Mark Mangini (supervisor); David Stone, Steve Purvis / Misturas: Ken King (supervisor) / Foley: John Roesch, Joan Rowe / Música original: Jerry Goldsmith; orquestrador: Arthur Morton / Anotação: Kenneth Gilbert / Montagem: Tina Hirsch / Efeitos especiais: Bob MacDonald Sr. (supervisor) / Criaturas: Chris Walas / Interpretação: Zach Galligan (Billy Peltzer), Phoebe Cates (Kate Beringer), Hoyt Axton (Randall "Rand" Peltzer), Polly Holliday (Ruby Deagle), Frances Lee McCain (Lynn Peltzer), Judge Reinhold (Gerald Hopkins), Dick Miller (Murray Futterman), Glynn Turman (Roy Hanson), Keye Luke (Sr. Wing), Scott Brady (Xerife Frank Reilly), Corey Feldman (Pete Fountaine), Jonathan Banks (Brent Frye, o polícia), Edward Andrews (Roland Corben), Jackie Joseph (Sheila Futterman), Belinda Balaski (Sra. Harris), Harry Carey Jr. (Sr. Anderson), Nicky Katt e Tracy Wells (crianças na sala de aula), John Louie (o neto do Sr. Wing), Kenny Davis (Dorry), Mushroom (Barney, o cão), John C. Becher (Dr. Molinar), etc.

Produção: Warner Bros. e Amblin Entertainment (Estados Unidos da América, 1984) / Produção: Michael Finnell / Produção executiva: Steven Spielberg, Frank Marshall, Kathleen Kennedy / Direção de produção: Phil Rawlins / Primeiro assistente de realização: James Quinn / Cópia: 35mm (Svenska Filminstitutet), colorida, falada em inglês, legendada em sueco e eletronicamente em português / Duração: 106 minutos / Estreia mundial: 8 de junho de 1984, nos EUA, Canadá e Turquia / Estreia portuguesa: 30 de novembro de 1984, cinemas Quarteto, Quinteto, Terminal e Roma / Primeira apresentação na Cinemateca.

Há sempre, em todos os textos críticos, a tentação de encontrar no primeiro filme de um cineasta as traves-mestras do que virá a ser a sua obra. No caso de Joe Dante esse primeiro filme é **The Movie Orgy**. Não é exatamente um filme no sentido "corrente" da palavra, é antes uma colagem (que originalmente tinha perto de sete horas) composta por excertos de filmes de série B, filmes educativos, publicidades, reportagens televisivas e que mais imagens em movimento dos anos cinquenta e início dos anos sessenta. Tratava-se de uma "encomenda" de uma marca de cervejas que desafiou o jovem realizador a montar estas várias horas de material que eram, depois, exibidas em *campus* universitários um pouco por toda a América, em sessões de maratona bem regadas com a dita bebida. Sobrevive, hoje, uma contagiante versão com cerca de quatro horas e meia que é bastante elucidativa da qualidade alucinada do projeto. Esse filme de colagem e apropriação indicia já o que viria a ser o trabalho futuro de Joe Dante, de que **Gremlins** é um exemplo acabado: referencial, despretensioso, acumulativo, eclético, desbragado e cinéfilo.

Um dos múltiplos discípulos de Roger Corman (a "escola" que nos deu Francis Ford Coppola, Martin Scorsese, James Cameron, Ron Howard, Jonathan Demme ou John Sayles), Joe Dante fez a travessia do *exploitation* (**Piranha**, **The Howling**) para a comédia de terror familiar (**Gremlins**, **Explorers...**) pela mão de Steven Spielberg. Conta a lenda que a Universal queria colocar um processo contra a New World Pictures, de Corman, por **Piranha** ser um óbvio decalque de **Jaws**, mas quando Spielberg viu o filme não só pediu que abandonassem a queixa como sinalizou Joe Dante como um realizador a ter em consideração. Pouco depois, na qualidade de produtor, viria a desafiá-lo a assinar um divertido, e muito perverso, segmento do filme coletivo **Twilight Zone: The Movie**, intitulado **It's a Good Time** – uma fábula sobre os horrores da imoralidade infantil. Superada a "prova", seguiu-se o presente **Gremlins**, cujo argumento Spielberg havia

comprado a Chris Columbus (e cuja realização chegou a ponderar entregar a Tim Burton, que até aí havia apenas realizado curtas-metragens de animação).

Gremlins, sendo já “para toda a família”, é ainda o filme de um cineasta que vinha na senda do horrífico. E é, por isso mesmo, um filme que, quatro décadas depois, continua a incomodar aqueles que se deixam enganar pela aparência de “filme de Natal” e “filme com criaturinhas queridas”. Na verdade, é o primeiro filme onde se pode identificar – por fim – aquela que viria a ser a marca autoral do cinema de Joe Dante: a mistura do cândido com o grotesco, da inocência com a crueldade, do fofo com o violento – tudo banhado pela sátira político-social e pela genuína cinefilia.

Pela primeira vez com um orçamento substancial, Joe Dante converte **Gremlins** num corrupio de cinema – cinema enquanto festival de cores e sons, enquanto atração de feira. Toda a história do cinema passa por ali: o *film noir* na sequência de abertura (o pai de gabardina pela Chinatown, a narração monocórdica e grave, a chuva em permanência, a noite e o *bas-fond*), a vila postal do filme natalício (com referência direta – e bastante irônica – a **It's a Wonderful Life**, com a mãe a chorar enquanto corta cebolas), a sátira social de pendor dickensiano com a personagem da Senhora Harris (a remeter para o Scrooge), a comédia física e descabelada associada a todas as engenhocas do pai (que fazem pensar em Jerry Lewis e em Laurel e Hardy), os ares de fábula infantil (com a primeira noite do Mogway), todo o episódio do professor (a remeter para a personagem-tipo do *mad scientist*), os casulos dos Gremlins (clara alusão ao **Alien**), a cena da mãe com a faca onde o tom do filme se torna perturbadoramente negro (com Dante a transformar o filme num *home invasion flick*, à Wes Craven ou Sam Peckinpah), o divertido *gag* com a senhora dos gatos (que parece uma paródia do filme gótico) e, depois, o festim que é a sequência final – onde reina o caos e o filme assume a sua verdadeira face cartunesca.

A expressão certa talvez seja *pandemónio de cinema*. Os monstros que dão o título ao filme são o caos, a dispersão, a violência, a grosseria, a amoralidade, a mesquinhez e mesmo a barbárie. Eles são o epíteto do desgoberno, a materialização da balbúrdia, a confusão encarnada. Eles são o *Id* da sociedade de consumo, são o atropelo das regras, são o excesso contra o comedimento, são o desrespeito da autoridade. E, no seu ímpeto disruptivo, no prazer do riso e na ânsia libertina, os Gremlins são a efervescência do desejo. Nesse sentido, os Gremlins não são substancialmente diferentes de muitas das personagens dos Looney Tunes – de tal modo que Joe Dante desafiou o animador Chuck Jones a fazer uma breve aparição no filme (é um dos homens no bar, que comenta os desenhos do protagonista, enquanto num pequeno televisor corre uma das suas curtas de animação) –, sendo que na sequência essa referência se torna explícita quando o filme inclui, no genérico de abertura, uma sequência animada com os “bonecos malucos” da Warner. O que choca é, justamente, a incorporação das lógicas do cartune no “mundo real” e de como, subitamente, aquilo que seria admissível a Bugs Bunny e companhia está agora recoberto por camadas de ranho verde, de baba, de sangue e de pelos (eram os anos oitenta!). A materialidade das criaturas carrega o peso da existência e, confrontados com isso – com a lascívia, com o indecoroso, com a ferocidade – não podemos deixar de nos rever.

De facto, os jogos de espelho são vários e é possível entender os Gremlins tanto como adolescentes (o caos físico e psicológico que se segue à candura da infância), como assaltantes ou predadores (a sequência da cozinha), como meliantes alcoolizados (a sequência do bar), como terroristas (destruir o sistema dos semáforos), como consumidores em época de saldos (a devastação da loja de conveniência), como espectadores indisciplinados numa sala de cinema. Eles são tudo isso, é certo, mas são algo mais. Joe Dante, logo de partida, introduz no filme, através da personagem do pai – inventor de engenhocas várias – um olhar ludita sobre a tecnologia. Antes mesmo dos Gremlins causarem estragos, já os vários eletrodomésticos da família estavam tocados pelo mesmo espírito rebelde e indisciplinado. Eles são, apenas, uma versão extremada daquilo que o “quebrador de ovos”, o “espremedor de laranjas”, o “cinzeiro sem fumo” ou o “bathroom buddy” já anunciavam. A desconfiança face à tecnologia atravessa todo o filme e, caso dúvidas restassem, a cena final – com a personagem asiática, o Senhor Wing, a servir de bússola moral – vem afirmá-lo ostensivamente. Diz-nos ele: *o que fizeram ao Mogway é o que fizeram com tudo aquilo que a Natureza vos deu*. O ludismo junta-se ao fervor ecológico e o filme remata com um postal estival que remete para um certo essencialismo suburbano, ainda não tocado pela fúria do consumo.

De qualquer modo, não poderia terminar este texto sem referir aquela que é a cena-chave de todo o filme, toda a sequência que decorre dentro da sala de cinema. Depois de destruírem a pequena cidade, os Gremlins encontram refúgio num cinema que, nas vésperas do Natal, está a exhibir **Snow White and the Seven Dwarfs**. No meio de toda aquela balbúrdia, os bicharocos lá conseguem pôr um dos projetores a trabalhar e – sabe-se lá como – conseguem exhibir uma das bobines do filme de Walt Disney. Perante aquelas brilhantes imagens em Technicolor acalmam-se e Joe Dante faz questão de nos dar grandes planos dos seus horrorosos olhos deslumbrados. Também eles, criaturas danadas, se deixam tocar pelo sublime. Essa sim é a “moral” de **Gremlins**: que qualquer criatura pode ser redimida pelo cinema (para isso basta o filme certo, na altura certa).

É certo que a sequência terminará com os Gremlins a rasgarem a tela de projeção (saindo do filme em direção ao espectador?) e tudo culmina com a explosão da própria sala de cinema, numa enorme labareda. No entanto, alguém acredita que se poderá destruir o monstro destruindo o regime ilusório do cinema? Claro que não. O que o destruirá será, justamente, a luz, como havia sido pela luz (do projetor) que este havia nascido. Recorde-se que o primeiro Gremlin eclode durante uma projeção (na sala de aula, com o professor de biologia) e o seu primeiro gesto é, nem de propósito, acender o projetor e mostrar um filme. A monstro nasce com uma luz artificial e perece com a luz do sol. A “morte” do monstro coincide, não com o fim da projeção, mas com o despertar da aurora. Percebe-se aí que se trata não de uma figuração do cinema, mas do subconsciente. Os Gremlins são imagens do nosso recalque: acesas pela potência libertadora da ficção, espalhadas pela “luz” da razão e do bom senso.

Ricardo Vieira Lisboa, Cinemateca